

**VOZES PERIFÉRICAS EM DIÁLOGO:
POLÍTICA E UTOPIA NO *PODCAST MANO A MANO***

*PERIPHERAL VOICES IN DIALOGUE:
POLITICS AND UTOPIA IN THE MANO A MANO PODCAST*

*VOCES PERIFÉRICAS EN DIÁLOGO:
POLÍTICA Y UTOPIA EN EL PODCAST MANO A MANO*

**JENNIFER ALINE DO LAGO SOUZA¹
NARA LYA CABRAL SCABIN²**

Submissão: 31/08/2023

Aprovação: 13/11/2023

Publicação: 22/12/2023

¹ Mestranda pelo Programa de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, com bolsa CAPES/PROSUP, sob a orientação da Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin.

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0001-9622-5911> – E-mail: jenniferlago53@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Doutora em Ciências da Comunicação (USP), com pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM).

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7121-1142> – E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo busca compreender como vozes sociais ligadas a diferentes *posicionamentos semântico-axiológicos/ideológicos* (FARACO, 2022) são representadas e orquestradas na tessitura do *podcast Mano a Mano*, apresentado pelo *rapper* Mano Brown. Para tanto, recorre à perspectiva de *análise dialógica* dos enunciados desenvolvida por intelectuais ligados ao assim chamado Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016), concentrando-se, como ensaio analítico, no sexto episódio da primeira temporada de *Mano a Mano*, no qual Brown entrevista o vereador Fernando Holiday. O trabalho mostra que a dialogização de vozes ligadas a posicionamentos semântico-axiológicos diversos constitui, além de traço estilístico característico de *Mano a Mano*, um recurso discursivo por meio do qual os enunciados do *podcast* acessam debates de importância político-social e estabelecem trocas discursivas em relação ao campo político.

PALAVRAS-CHAVE: *Podcast. Mano a Mano. Mano Brown. Dialogismo. Vozes periféricas.*

ABSTRACT

The article seeks to comprehend how social voices linked to different *semantic-axiological/ideological positions* (FARACO, 2022) are represented and orchestrated in the *Mano a Mano* podcast, hosted by rapper Mano Brown. To do so, it draws upon the perspective of *dialogic analysis* of utterances developed by intellectuals associated with the so-called Bakhtin Circle (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016), focusing, as an analytical essay, on the sixth episode of the first season of *Mano a Mano*, in which Brown interviews councilman Fernando Holiday. The paper demonstrates that the dialogization of voices linked to diverse semantic-axiological positions constitutes, besides being a characteristic stylistic trait of *Mano a Mano*, a discursive resource through which the podcast's utterances access politically and socially significant debates and establish discursive exchanges related to the political field.

KEYWORDS: *Podcast. Mano a Mano. Mano Brown. Dialogism. Peripheral voices.*

RESUMEN

El artículo busca comprender cómo voces sociales vinculadas a diferentes *posiciones semántico-axiológicas/ideológicas* (FARACO, 2022) son representadas y orquestadas en el *podcast Mano a Mano*, presentado por el rapero Mano Brown. Para ello, recurre a la perspectiva del *análisis dialógico* de enunciados desarrollado por intelectuales vinculados al llamado Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016), centrándose, a modo de ensayo analítico, en el sexto episodio de la primera temporada de *Mano a Mano*, en lo que Brown entrevista al concejal Fernando Holiday. El trabajo muestra que la dialogización de voces vinculadas a diversas posiciones semántico-axiológicas constituye, además de un rasgo estilístico característico de *Mano a Mano*, un recurso discursivo a través del cual los enunciados del *podcast* acceden a debates de importancia política y social y establecen discursos de intercambio. en relación con el campo político.

PALABRAS CLAVE: *Podcast. Mano a Mano. Mano Brown. Dialogismo. Vóces periféricas.*

INTRODUÇÃO

Na década de 1980, Pedro Paulo Soares Pereira, o *rapper* Mano Brown, começou a se apresentar como integrante do grupo de *rap* Racionais MC's. Nesse período, uma figura de posicionamento “radical”, crítica a diversas formas de opressão e violência, especialmente

contra a população negra, pobre e periférica, emergia na cena *hip hop*, conquistando grande relevância não apenas dentro do próprio movimento, mas também em escala nacional, e promovendo discussões nos âmbitos racial, social e político.

Uma das características que o cantor fazia questão de explicitar era seu posicionamento avesso a entrevistas, colocando-se claramente em uma chave distinta daquela em que operam as dinâmicas midiáticas hegemônicas. Manifestava-se, assim, principalmente através de sua obra estética – suas letras de *rap* baseadas em relatos do cotidiano periférico. Assim, a criação de uma figura crítica e muitas vezes vista como “agressiva”¹ se consolidava como forma de demarcação de um posicionamento contrário a estruturas hegemônicas de visibilidade midiática, afirmando uma conduta de confronto em relação à orientação comercial de grandes emissoras de TV e rádio.

Nesta estratégia de enfrentamento contra um sistema midiático hegemônico, Mano Brown exprime uma fala fácil, não maleável, radical e expansiva na defesa de suas ideias (GRECCO, 2007). Por outro lado, ao longo das décadas, o *rapper* ensaiou um paulatino e a princípio tímido movimento de aproximação em relação a diferentes espaços midiáticos, o que se deu inicialmente por meio de entrevistas concedidas a uma revista que ele julgava “comunista”², em 1998, e a um programa de uma emissora que, em sua percepção, não visava apenas ao lucro e não sustentava uma visão distorcida da periferia, em 2007 (VIVA, 2018).

Já na última década, a frequência com que acompanhamos as aparições midiáticas de Mano Brown tem se intensificado, sinalizando a construção de uma figura midiática complexa, enraizada – não obstante suas múltiplas modulações e negociações – na afirmação de sua voz enquanto voz negra, periférica e de posicionamento político-ideológico alinhado ao campo progressista.

¹ Como exemplo dessa imagem, podemos citar o episódio em que os integrantes do grupo Racionais Mc’s foram presos, em 26 de novembro de 1994, durante um show no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, sob a acusação de incitação à violência e ofensa à Polícia Militar através das letras de suas músicas, de acordo com matéria referenciada neste artigo (POLÍCIA..., 1994).

² Entrevista concedida à revista Caros Amigos, Editora Casa Amarela, nº10, 01/98, p. 31.

É nesse contexto que Brown passou a apresentar, ao lado da jornalista Semayat Oliveira, o *podcast Mano a Mano*, lançado em agosto de 2021 na plataforma de *streaming Spotify*. O programa rendeu milhares de *views*, tornando-se um dos *podcasts* mais ouvidos em seu ano de estreia. Com pouco mais de dois anos de vida, a produção coleciona prêmios, como o de melhor programa de *podcast* do Festival de Cultura Pop da Comic Con Experience de 2022 (SOUZA PILEGGI, 2022) e o troféu APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes) na categoria “Rádio” como Melhor Podcast em 2023. Além disso, ocupa, atualmente, na audiência do *Spotify*, a segunda posição na categoria Sociedade e Cultura; o oitavo lugar no *ranking* geral; e o quarto lugar da lista *top episodes*, com a entrevista de Marina Silva.

Nesse sentido, a presente pesquisa³ parte da proposta de se considerar o espaço ocupado pelo *podcast Mano a Mano* e a relevância de sua proposta do ponto de vista da (re)construção de identidades periféricas, processo viabilizado pelos espaços de discussão e pela construção do discurso negociado pelos/com os atores sociais participantes do *podcast*.

Mano Brown, além de se colocar no programa a partir de sua *performance* como apresentador, carrega consigo ecos de sua trajetória artística, que reúne mais de três décadas de contribuição para a cena do *rap* brasileiro à frente do grupo Racionais MC's, que cantou (e canta) sobre a realidade das populações periféricas e confere visibilidade à perspectiva do sujeito negro pobre sustentado por uma realidade dura e desafiadora (ROCHA, 2021). Da mesma forma, Semayat Oliveira passa a integrar a equipe de *Mano a Mano* a partir de seu lugar enquanto sujeita ativista na luta pela igualdade racial e de gênero e jornalista atuante na promoção de direitos da comunicação nas periferias de São Paulo, sendo ela uma das fundadoras do coletivo de produção jornalística *Nós, mulheres da periferia*, criado e gerido por mulheres negras e periféricas.

³ O artigo apresenta desenvolvimentos e atualizações de trabalhos apresentados no 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 2022, e do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em 2023. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Considerando que *Mano a Mano* se apresenta como expressão da multidirecional efervescência política que emerge e ganha força em meio a produtos das indústrias de entretenimento na contemporaneidade, este artigo busca compreender como vozes sociais ligadas a diferentes *posicionamentos semântico-axiológicos/ideológicos* (FARACO, 2022) são representadas e orquestradas na tessitura desse *podcast*. Para tanto, recorreremos à perspectiva de *análise dialógica* dos enunciados desenvolvida por intelectuais ligados ao assim chamado Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016). Esperamos, em outras palavras, compreender os processos de refração por meio dos quais, segundo vieses valorativos específicos, diferentes vozes sociais são integradas ao todo estético da obra (FARACO, 2022).

No recorte deste artigo, elegemos, como objeto empírico de análise, o sexto episódio da primeira temporada de *Mano a Mano*, no qual Brown entrevista um ator social ligado ao campo político: intitulado *Mano Brown entrevista Fernando Holiday*, o programa foi disponibilizado pelo *Spotify* em setembro de 2021. Embora não se trate da única situação em que Brown trouxe ao *podcast* entrevistados ligados à política institucional, a entrevista com Holiday representa um caso particularmente interessante do ponto de vista dos objetivos deste trabalho, tendo em vista a conhecida filiação do jovem vereador a posicionamentos conservadores aliados à defesa do liberalismo econômico. Dessa forma, acreditamos que o episódio ofereça a possibilidade de vislumbrarmos a construção de espaços de aproximação e reconhecimento a partir de uma zona de discussão controversa.

Ao longo do trabalho, esperamos discutir a hipótese de que a dialogização de vozes ligadas a posicionamentos semântico-axiológicos/ideológicos diversos constitui, além de traço estilístico característico de *Mano a Mano*, um recurso discursivo por meio do qual os enunciados do *podcast*⁴ acessam debates de importância político-social e estabelecem trocas

⁴ Unidade fundamental à análise ideológico-dialógica, na perspectiva de Bakhtin (2016), a dimensão do *enunciado* será identificada, em nossa pesquisa, no plano do *episódio*. Dessa forma, cada episódio corresponde a um enunciado do *podcast Mano a Mano*, entendido, por sua vez, como serialização de enunciados. Ainda, em

discursivas em relação ao campo político. Dessa forma, propomos olhar para o *ethos discursivo* (MAINGUENEAU, 1997; 2020) associado à figura midiática de Mano Brown como elemento fundamental, entre as vozes sociais dialogizadas em *Mano a Mano*, uma vez que parece contribuir de forma decisiva para o acionamento de sentidos/valores de raça, classe e território enquanto forças articuladoras das *refrações ideológicas* (VOLÓCHINOV, 2017) no *podcast*.

Por isso, como etapa anterior à análise dialógica do episódio de *Mano a Mano* escolhido como objeto de atenção neste trabalho, parece-nos necessário traçar algumas considerações a respeito das diversas negociações que têm caracterizado a (re)construção da figura midiática de Mano Brown. A esse objetivo, dedica-se a próxima seção do artigo, que propõe uma breve recuperação de declarações concedidas pelo artista a veículos de mídia em diferentes momentos de sua carreira. Dessa forma, esperamos acompanhar os processos de construção de visibilidade para/por uma voz que emerge e se consolida na cena midiática a partir de marcadores de raça, classe e território historicamente marginalizados.

A (RE)CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DE UMA VOZ

Ao considerar o evento enunciativo, não é possível dissociar plenamente elementos “internos” e “externos” ao próprio enunciado, pois, como aponta Maingueneau (2018, p. 135), a problemática da enunciação “desestabiliza as tópicos que opõem simplesmente aquilo que releva do texto e aquilo que releva de um ‘fora do texto’”. Assim, propomos compreender a *figura midiática* de Brown no sentido que Maingueneau (2018, p. 136) confere ao termo *escritor*, entendido como o ator social “que define uma trajetória” na instituição ou campo em que atua, diferenciando-se tanto da *pessoa* (o indivíduo dotado de um estado civil) quanto do *inscritor* (que resulta das formas de subjetividade enunciativa). É, portanto, na esfera de

um mesmo enunciado (episódio) do programa, é possível localizar vozes sociais associadas a diferentes posicionamentos semântico-axiológicos/ideológicos.

influência do *escritor* que parecem atuar os “rastros” deixados por Mano Brown enquanto artista que tem se afirmado na cultura midiática como intérprete das periferias.

Para compreender a produção desses “rastros”, devemos considerar uma articulação das possíveis *mediações* e *negociações* de sentido (SILVERSTONE, 2002) entre o que Mano Brown se dispõe a representar de si para a mídia e o que os discursos midiáticos reproduzem de sua proposta. É nesta chave que parece operar o fortalecimento de uma figura que busca dar voz a demandas por reconhecimento de grupos minorizados ao longo das últimas três décadas.

Nesse intervalo temporal, Brown passou a ocupar diferentes espaços midiáticos. É o caso, por exemplo, de sua atuação à frente do *podcast* *Mano a Mano*, lançado em 2021 como produção original *Spotify*. Desde então, a produção tem gerado intensa repercussão, impulsionada por ações promocionais e espontâneas que alcançam a base de fãs de Mano Brown, a exemplo de sua inclusão no Twitter como *emoji* em março de 2022, que rendeu o seguinte comentário do *rapper*: “É isso mesmo, família, agora algumas hashtags tem um emoji meu exclusivo, vamos começar a usar? obrigado @TwitterBrasil pela parceria #ManoAMano” (BROWN, 2022). Logo após essa movimentação, o *rapper* se tornou também garoto propaganda da Netflix, em uma de suas campanhas de divulgação da última temporada da série *Peaky blinders*, disponibilizada pela plataforma de *streaming* em junho do mesmo ano.

Tais incursões midiáticas, não obstante, pareceriam pouco prováveis no início da carreira de Mano Brown. Na década de 1990, com a ampliação da notoriedade dos Racionais MCs e a conquista de popularidade também entre a classe média, o grupo chamou a atenção de veículos de imprensa de grande circulação e proposta editorial alinhada ao chamado “jornalismo de referência” (ZAMIN, 2014). Segundo matéria veiculada pela revista *São Paulo*, editada pelo Grupo Folha, no dia 17 de abril de 1994,

A novidade se chama Racionais MC’s. Eles são negros, bravos e malvados, cantam *rap* e não fazem concessões. Estão com a agenda de shows lotada, venderam muito

bem seu último disco (sem versão em CD e de uma gravadora pequena) e frequentam o topo das listas de músicas das FMs. O quarteto protagoniza um arrastão sonoro na praia da “playboyzada”, trazendo junto um universo rapper até então desconhecido. E os banhistas aplaudem de pé e pedem bis (DÁVILA, 1994).

A matéria destaca que, menos de um mês antes, o fenômeno Racionais estaria estourando em meio à classe média. O texto ocupa pelo menos cinco páginas da revista, mas pouco retrata a fala direta do grupo; o jornalista responsável pela pauta se baseia em declarações de pessoas que teriam acompanhado a rotina do grupo de *rap*. Ao entrevistar o grupo em uma sorveteria, por exemplo, colhe o depoimento do dono do estabelecimento, que afirma: “A gente vê quatro negões, pensa logo em confusão, mas esses aí são da paz”. Já para um produtor da indústria fonográfica, “Pode até ser que [os Racionais] virem moda, igual o Gabriel (o Pensador). Mas ele não é *rapper*, e sim um artista pop” (DÁVILA, 1994).

Sobre a tese de que os Racionais teriam caído no gosto da “playboyzada”, Mano Brown afirma: “O quê? Os Racionais se vendendo ao ‘sistema’? Não, mano, só se eles aceitarem nosso esquema. Não fazemos música para agradar ninguém, nem a playboyzada. Se eles gostam da mensagem, querem ajudar, tudo bem”. Ao final da entrevista, o *rapper* – na época, com 23 anos – fala brevemente sobre lazer, cultura e raça; quando questionado sobre política, destaca seu afeto pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e relata não ter uma percepção positiva sobre a imprensa – “90% do que é falado é distorcido” –, mas diz que gostaria de estudar jornalismo: “Descobri que tenho tendência, um certo dom. O *rap* tem a ver com a notícia”. (DÁVILA, 1994).

Dezenove anos mais tarde, em 2013, a *Folha de S. Paulo* publicaria matéria intitulada *Racionais de butique*; na linha-fina, lê-se: “Voz da periferia, grupo de rap faz show expresso para ‘mauricinhos’ em balada na Vila Olímpia”. O texto aborda uma apresentação na Royal Clube, em São Paulo: “Os Racionais, até o fim dos anos 90, tocavam apenas em casas dedicadas ao *rap*. Mano Brown dizia (e cantava) não gostar de playboys. A presença do grupo num lugar como a Royal seria impensável há dez anos” (MACHADO, 2013). A matéria ainda aponta que o show havia durado apenas uma hora e que o grupo não parecia empolgado:

“Mano Brown só cantou. Não fez nenhum de seus famosos discursos. Disse: Obrigado, São Paulo, segunda é dia de trampo” (MACHADO, 2013).

Segundo Maingueneau (2020), o *ethos* é uma construção discursiva, que envolve um processo interativo de influência mútua – no caso dos excertos midiáticos brevemente apresentados, devemos considerar a interação resultante entre as vozes de Brown e de veículos midiáticos, que se colocam como atores da negociação. A construção discursiva mediada por veículos do Grupo Folha, entre 1994 e 2013, mostra a trajetória de um *rapper* negro, bravo, malvado e que não faz concessões; mas que, ao mesmo tempo em que afirma não comungar com a “playboyzada”, faz show em casas noturnas de elite. Assim, na mesma medida em que representam um corpo político e inflexível perante a grande mídia, os textos buscam retratar um Mano Brown controverso, imagem que parece ser reforçada pela forma como fragmentos de falas do artista são incorporados às matérias.

Considerando o *ethos* discursivo como espécie de “corpo” discursivo constituído por meio da enunciação, incluindo as maneiras de dizer e as circunstâncias em que se busca (ou não) dizer (MAINGUENEAU, 1997), parece-nos decisiva a construção de uma voz para Mano Brown baseada na ideia – continuamente tensionada e negociada – de não conciliação com as classes dominantes. Da mesma forma, quando aceita ser entrevistado, Brown parece buscar afirmar esse posicionamento, como no caso de sua participação no programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em 2007. Segundo o *rapper*, sua decisão de conceder entrevista, nesse caso, seria justificada porque a emissora não compactuaria com as mesmas premissas da grande mídia. Isso porque a TV Cultura de São Paulo “é uma emissora estatal de propriedade do governo estadual de São Paulo e se constitui em uma emissora regional de baixa audiência, escolhida na seleção do grupo provavelmente por uma programação eminentemente educativa” (GRECCO, 2007, p. 88).

Durante o programa, Brown é questionado sobre seu posicionamento político, o cotidiano na periferia e sua carreira. Há um momento, no entanto, que merece atenção

especial: referimo-nos à passagem em que Renato Lombardi, jornalista da TV Cultura, pede para que Mano Brown explique a auto caracterização que faz em uma de suas músicas:

[Renato Lombardi:] Quando você canta: “Nas ruas da sul eles me chamam Brown, maldito, vagabundo, mente criminal”, o que você quis dizer aí?

[Mano Brown:] Antes de tudo isso é uma rima, a gente faz assim pra ficar bem pá mesmo [alguns dão risada] [Brown aponta para outro entrevistador] Você que é de música tá ligado. E também a realidade tá explícita, a mente é isso mesmo, as pessoas me chamam de Brown mesmo. Eu sou criminoso sem ser. Ou sou, entendeu? Talvez eu seja realmente. Na verdade, nós somos, aqui todo mundo é criminoso. Quando a gente aceita o Brasil que a gente vive e a gente tira onda, vai tomar cerveja, comer pizza, fazer samba, nós somos criminosos. (VIVA, 2018).

Nesse trecho da entrevista, o *rapper* recorre à arena de lutas semântico-axiológicas que caracteriza o signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017) para (res)significar a palavra “criminoso”, em uma chave dialógica que reitera o posicionamento de crítica social que costuma afirmar. Ao mesmo tempo, Brown parece distanciar-se da posição de controle pleno da enunciação que predomina em seus shows, privilegiando o campo da interação. Esse aspecto nos é relevante na medida em que parece elucidar elementos da forma como Brown busca se posicionar, mais de uma década após a entrevista concedida ao *Roda Viva*, a partir do lugar de entrevistador no *podcast Mano a Mano*.

No mesmo sentido, é relevante a entrevista concedida por Mano Brown, em março de 2022, ao *Podpah*, um dos *podcasts* de maior audiência no Brasil, apresentado por Igor Cavallari (Igão) e Thiago Marques (Mítico). Brown conta que foi no período de isolamento social imposto pela pandemia de covid-19 que surgiu o projeto de *Mano a Mano*. Iniciativa de Brown apresentada ao *Spotify*, a proposta inicial era a de produzir um *podcast* contando as histórias do próprio *rapper*. Foi assim que o *streaming* mais *mainstream* do momento recebeu uma proposta para veicular um programa de histórias de Mano Brown:

[Igor Cavallari:] O que você está achando da experiência de ter um *podcast*, de conversar com as pessoas?

[Mano Brown:] Eu tô com uma idade que eu quero fazer muita coisa que eu queria ter feito, que eu não tinha a capacidade antes, como voltar a estudar. E por que eu

digo isso? Porque o podcast foi sair da zona de conforto; o que eu tô sempre tentando sair na música, dessa vez eu radicalizei.

[Igor Cavalari:] Foi para a comunicação.

[Mano Brown:] É, poderia me expor muito, poderia mostrar umas puta fraqueza minha, no primeiro programa. O contratante falar: Brown, sinto muito, gosto muito das suas músicas, cresci te ouvindo, mas não dá. (PODPAH, 2022)

A fala caracteriza um Mano Brown muito mais vulnerável e aberto em relação à negociação de sua imagem com seus interlocutores. Ao mesmo tempo, ao longo de sua entrevista ao *Podpah*, Brown posiciona os apresentadores do programa como figuras não apenas de sucesso, como também relevantes do ponto de vista de sua influência sobre a cultura midiática e o debate de ideias na sociedade. Assim, ao situar-se nesse mesmo contexto de enunciação a partir de sua atuação como apresentador de sucesso em uma plataforma de *streaming*, também se posiciona como formador de opinião – aspecto que parece decisivo à forma como o *rapper*-apresentador tem buscado construir sua identidade enunciativa em aparições midiáticas recentes.

No início de sua carreira, Brown posicionava-se como artista que falava para um público de iguais enquanto porta-voz de causas sociais e políticas urgentes – a violência policial, o genocídio negro, as violações de direitos de sujeitos periféricos. Ao longo dos anos, uma abertura de públicos foi negociada, processo que parece envolver modulações na enunciação de Mano Brown. Esse percurso da voz de Brown parece ser também o percurso das populações de periferias brasileiras, que hoje podem disputar mais ativamente, através das redes sociais digitais, identidades e representações historicamente construídas na cultura midiática.

VOZES DIALOGIZADAS, VOZES POLITIZADAS

Escolhido para o exercício de análise dialógica proposto neste artigo, o episódio número seis da primeira temporada de *Mano a Mano*, intitulado *Mano Brown entrevista Fernando Holiday*, apresenta uma hora e 28 minutos de entrevista. O entrevistado é conhecido por sua militância no Movimento Brasil Livre (MBL), por ter sido eleito vereador

da cidade de São Paulo em 2016, aos 20 anos, pelo partido Democratas (DEM), e por suas posições conservadoras em relação a temas como a economia, a segurança pública e a educação.

Holiday também é um defensor do liberalismo e da redução do papel do Estado na economia. Apesar de suas posições controversas, muito questionadas pela esquerda e o campo progressista, tornou-se figura de grande visibilidade na política brasileira, especialmente entre os jovens. Sua eleição como vereador de São Paulo em 2016 foi vista como uma vitória para a direita brasileira e um indicativo do crescente apoio ao liberalismo e ao conservadorismo no país (NEAMP PUC, 2022).

Ao longo da conversa estabelecida no sexto episódio da primeira temporada de *Mano a Mano*, Brown procura se colocar à disposição e mostrar-se aberto a compreender as motivações de Holiday, a fim de discutir os temas que perpassam todo o programa: raça, classe e periferia. Sabendo que o convidado não possui posicionamento alinhado ao seu, pontua abertamente suas discordâncias, ao mesmo tempo em que mostra disposição para aproximar-se do entrevistado.

Brown salienta que muitas pessoas que ele respeita foram contrárias à sua decisão de convidar Holiday para o programa, mas diz que poderia ser interessante ouvi-lo. O entrevistado nasceu na Brasilândia e mudou-se para Carapicuíba após seu pai desaparecer, menos de um ano após seu nascimento. À medida que a entrevista avança, o *rapper* faz afirmações sobre a vivência do vereador: “Filho único, mãe solteira e não tinha seu pai junto com você”.

A tentativa de aproximação e criação de um ambiente de identificações permite o estabelecimento de um debate pacífico entre ideias situadas, desde o início do episódio, como representativas de posicionamentos antagônicos no espectro político. A orientação do enunciado parece ser a de evidenciar o desejo de compreensão empática, por parte do entrevistador, em relação ao posicionamento do entrevistado.

Ao ser questionado sobre sua educação formal, Holiday conta que estudou em escola pública, que teve limitações e dificuldades provenientes do ensino nessas instituições, mas que, no Ensino Médio, foi incentivado a debater temas políticos – sobretudo cotas raciais – por um professor que era militante de esquerda. Ao contar que seu primeiro movimento político foi o MBL, é questionado sobre o ainda apoio ao *impeachment* de Dilma Rousseff; Holiday diz nunca ter achado que Dilma organizou ou fez parte de algum esquema de corrupção, mas sim, que seu governo teria permitido que os esquemas acontecessem.

Ao longo da conversa, Mano Brown não deixa de explicitar suas convicções políticas, conectando-as com sua realidade de jovem preto, pobre e periférico – de certa forma, igual à de Fernando Holiday. O desenho da pauta de perguntas do programa tangencia a conexão entre a infância do vereador e o resultado de seu posicionamento político, tentando compreender as posições construídas ao longo de sua trajetória.

[Mano Brown:] Quem eram as pessoas que você admirava na sua adolescência, qualquer ramo da sociedade, quem eram suas referências?

[Fernando Holiday:] Billy Holliday, uma das músicas que me inspiraram foi *Strange Fruit*, a qual fala sobre os negros enforcados no sul dos EUA; também me inspiram Martin Luther King e Barack Obama – ainda que eu não concorde com ele, sua história é muito inspiradora.

[Mano Brown:] Interessante você falar tudo isso, negros enforcados e todo o tipo de má sorte que nosso povo pode sofrer, isso te comove até que ponto, essa coisa racial?

[Fernando Holiday:] Me comove desde sempre, para sempre. Um caso que me marca bastante foi meu primeiro contato com o racismo. Eu estava na pré-escola, era um dos primeiros dias de aula, era uma sexta feira, em que as crianças podiam levar seus brinquedos. Eu fui um dos últimos a sair da sala e fiquei com meu colega branco. Ele disse: você vai brincar com a gente? Acho que meus pais não vão gostar muito disso. E eu perguntei o porquê e ele disse que seus pais disseram que criancinhas pretas iguais a mim roubavam os seus brinquedos, e que ele precisava tomar cuidado com isso. (MANO A MANO, 2021).

O trecho ilustra a assunção de uma estratégia argumentativa de caráter *analítico-reflexivo* por parte de Brown: partindo de um olhar atento à forma como determinadas temáticas – no caso, a questão racial – aparecem em falas do entrevistado, o apresentador de *Mano a Mano* toma o discurso de seu interlocutor como objeto de comentário, movimento

que precede a imediata devolução da palavra ao convidado, interpelado a retomar e explorar mais profundamente os aspectos que, poucos segundos antes, provocaram a análise do entrevistador.

Partindo dos percalços vividos por ambos, entrevistador e entrevistado, diante do racismo que estrutura as relações na sociedade brasileira, Brown avança para um dos assuntos mais marcantes da trajetória de Fernando Holiday: sua posição sobre cotas raciais. A discussão dessa temática é permeada por argumentos, expostos por Brown, que confrontam os pilares argumentativos de posições políticas do jovem vereador:

[Fernando Holiday:] Todo mundo que defende cotas raciais defende um diagnóstico que eu concordo – o terror que foi a escravidão. Minha discordância sempre foi no remédio. [...] se o Estado brasileiro tivesse dado condições, educação formal, qualificação profissional, para que as pessoas se incluíssem na sociedade, ainda haveria as consequências do racismo, porque havia e ainda há uma repulsa em relação à cor da pele.

[Mano Brown:] Você acredita nisso?

[Fernando Holiday:] Acredito.

[Mano Brown:] Na cor da pele ...

[Fernando Holiday:] Há um elemento...

[Mano Brown:] De rejeição da parte de quem para quem?

[Fernando Holiday:] Do branco para o negro.

[Mano Brown:] Você admite isso?

[Fernando Holiday:] Sim, com certeza.

[Mano Brown:] Isso é importante. Ok, vamos em frente.

[Fernando Holiday:] Cota racial é uma opção de má qualidade e a cota social é uma opção que mede de forma mais assertiva a realidade social daquele povo. (MANO A MANO, 2021).

Ao mesmo tempo em que Fernando Holiday apresenta seu ponto de vista sobre cotas raciais, Brown interage com seu discurso a fim de evidenciar possíveis pontos de contato e concordância em relação à posição ideológico-valorativa a partir da qual as discursividades são orquestradas no programa – posição esta entendida, por sua vez, como o conjunto de posicionamentos semântico-axiológicos materializados nas vozes representadas por Mano Brown e Semayat Oliveira.

Ainda a respeito dos excertos acima transcritos, convém observar que a vivência racial de Brown e Holiday enquanto homens negros estabelece um “comum” que antecede o encontro no espaço do *podcast*. Isso fica evidente já no início da entrevista, dedicado ao interesse, por parte de Brown, em conhecer a trajetória de vida de Holiday. Como aponta Fanon (2008), a experiência da colonização altera tão profundamente a subjetividade do homem negro que, apesar de eventuais diferenças sociais e divergências políticas, é impossível, para eles, livrarem-se do sistema racista que inferioriza seus corpos.

Embora fuja às nossas possibilidades, nas dimensões deste artigo, desenvolver uma discussão mais extensa de *Mano a Mano* sob a perspectiva de teorias raciais, convém destacar a complexidade da forma como questões relativas à raça, em seus múltiplos atravessamentos pela classe e o território, aparecem no *podcast*, evidenciando a relevância e a pertinência de abordagens *interseccionais* – *i.e.*, capazes de visibilizar relações como as estabelecidas entre gênero, raça, classe e sexualidade como determinantes à construção de relações de poder (BILGE; COLLINS, 2020) – ao estudo do objeto em foco.

A entrevista segue com a apresentação de argumentações de Holiday a respeito de sua compreensão do liberalismo e das cotas sociais, bem como com reflexões sobre sua trajetória política. O vereador é interpelado a responder aos questionamentos de Brown a respeito de sua subjetividade enquanto homem preto e periférico, marcado por uma infância simples, pai ausente e dificuldades do ensino público. Em alguns momentos, o entrevistador faz questão de dizer que não compactua com o posicionamento do vereador, mas acredita ser importante ouvir jovens como ele, a fim de entender sua realidade e a motivação de seu posicionamento. (MANO A MANO, 2021).

Com base na definição de *gênero discursivo* proposta por Bakhtin (2016), entendemos o *podcast Mano a Mano* como vinculado a um gênero discursivo relativamente

autônomo que propomos denominar *podcast de entrevistas*⁵. Além disso, cada episódio de *Mano a Mano* é aqui entendido como um enunciado – isto é, como unidade básica de análise. No caso do episódio selecionado para análise neste artigo, esperamos identificar as posições semântico-axiológicas e suas modalidades de interação representadas por cada um dos participantes do programa, a saber, (i) Mano Brown; (ii) Semayat Oliveira; e (iii) Fernando Holiday. De fato, são muitas as muitas camadas de vozes sociais que compõem o *podcast Mano a Mano* no episódio em questão: o *Spotify* como agregador de áudio, a “grife” Mano Brown, a contribuição artística dos Racionais MC’s, o coletivo *Nós Mulheres da Periferia*, o MBL – todas elas somadas à refração realizada pela própria materialidade do gênero discursivo em questão.

Nesse sentido, apresentamos uma grade analítica (Quadro 1) que busca sintetizar os achados obtidos por meio da análise discursivo-dialógica do episódio, a qual reúne falas-chave que materializam indícios de horizontes semântico-axiológicos específicos, a fim de demarcar as posições assumidas pelos participantes, a posição demarcada pelo episódio como enunciado e a interação entre vozes sociais.

⁵ Entendemos os *gêneros discursivos* como “tipos relativamente estáveis de conteúdos” (BAKHTIN, 2016, p. 12), caracterizáveis em relação às condições específicas do campo de atividade humana e identificáveis por três elementos principais: conteúdo temático, construção composicional e estilo (BAKHTIN, 2016).

Participante	Posição semântico-axiológica representada	Trecho identificado
Fernando Holiday	Discordância da ideia de o branco periférico ter privilégios sobre o negro periférico	00:27:15 "Onde eu cresci, não consigo ver isso como uma regra , porque por exemplo, eu sempre tive o que comer dentro de casa, ia pra escola estudava e tal, todos os problemas, mas eu nunca tive preocupação se eu ia ter o que comer no jantar. Eu tive amigos brancos na escola pública que iam lá por conta da merenda, porque não tinha mesmo o que comer."
Semayat Oliveira	Refutação em cima de dados	00:28:23 " Quando a gente olha para os números , a gente consegue entender um pouco mais como essa diferença racial se dá na prática. Dados de 2020 do IBGE mostram que o desemprego da população negra é 71% maior do que entre brancos , por exemplo; e com a pandemia, inclusive, essa diferença tem aumentado significativamente."
Mano Brown	Afirmação de posicionamento contrário ao de Holiday	00:32:43 "[...] polêmico o que você disse, eu continuo discordando . Mas não é para você também achar que tudo o que você falar eu vou discordar, mesmo porque eu tô aqui para te ouvir ."
Mano Brown	Afirmação de posicionamento a favor do ativismo racial	00:33:43 "[...] a inclusão de artistas e a revelação de grandes artistas nos últimos 20 anos, foi em cima que militância, de trabalho, de capacitação. Isso mostra que sem a luta, sem a militância, sem o ativismo racial, não atingiríamos isso através do sistema social ."
Fernando Holiday	Assunção da importância de cotas para inclusão de negros; assunção da importância do ativismo negro	00:35:58 " Com as cotas raciais, é inegável que você aumentou a inclusão do negro ; isso não tem como negar, porque são números, eu não posso lutar contra os números. Tem mais negros nas universidades, tem mais negros formados, mais negros com empregos de qualidade, ocupando locais de destaque. Isso eu não nego, isso é resultado do ativismo negro e não há como negar ."
Fernando Holiday	Assunção de sua intolerância política até conversar com Eduardo Suplicy	00:49:48 "[...] cara por incrível que pareça, o Suplicy foi uma grata surpresa que eu tive na câmara. Antes de eu entrar na Câmara Municipal, eu tinha uma dificuldade muito grande de ter um diálogo civilizado com pessoas que pensavam diferente . E o Suplicy me ensinou isso. Sem querer até."
Mano Brown e Fernando Holiday	Conscientização da importância da separação de rótulos – partidos e pessoas. Ênfase à virtude "honestidade"	00:52:16 "MB: Você votaria no Suplicy para presidente? FH: Não (risos) MB: Devido ao que? FH: Acho que ele acredita ainda que o PT pode trazer transformações. MB: Esquece o PT. Suplicy. Você concorda que ele é honesto. FH: Ah, sim. Isso sim."
Fernando Holiday	Reconhecimento do desconforto inicial em estar no meio de "brancos e playboys"	00:55:46 "[...] quando eu entrei para o MBL, uma das coisas que até colocaram no documentário deles, dizia que eu tinha uma dificuldade para me incluir, que eu os via como <i>playboys</i> e a maioria veio de classe média branca. [...] e eu não conseguia me integrar bem lá . Eu fui vendo que eu tava ali justamente para conseguir atrair mais pessoas como eu que eram da periferia que pensavam como eu. Acho que eu consegui, até."
Mano Brown	Diagnóstico de toda a construção dialógica obtida na entrevista	00:56:26 "Você acha que pensando como você pensa, você é muito contrário da gente , muito fora do que a gente é ou do PT, ou da esquerda, ou qualquer coisa muito diferente?"
Fernando Holiday	Assunção da relatividade do discurso associado à sua imagem, ao seu ethos, quando diz que tem alguma concordância com a esquerda	00:56:47 "Assim, eu acho que depende da questão, por exemplo, em relação à educação, é uma das áreas que eu tenho menos críticas ao PT , porque eu sou favorável (risos) vai tocar o "pin" (sobre o sino que tocou todas as vezes que eles concordavam com algum assunto). Porque eu sou a favor do ProUni, do Fies, do Sisu [...] é um dos temas que eu mais concordo."
Semayat Oliveira	Confronto por meio de contradições percebidas no discurso anterior	01:02:14 " Você acabou de dizer que não dá para competir desiguais com pessoas que estão em uma condição igual. Mas você disse um pouquinho antes que você acha que tem que ter uma baixa de impostos para todo mundo; mas hoje as grandes fortunas são menos taxadas no Brasil, por exemplo. Ou seja, as pessoas mais ricas também pagam menos impostos; e aí, de repente, a lógica é, de fato, diminuir o imposto para todo mundo?"
Mano Brown	Chamada à reflexão e "quebra" de barreiras direita/esquerda	01:25:20 "Eu gostaria que você repensasse, sobre as coisas que você falou, sobre as coisas que você não sabe, que você procurasse se informar. Você é um representante eleito, você representa a todos, não só a direita ."
Mano Brown	Desfecho com chamada à reflexão, identificação com o "oponente" e ênfase no posicionamento defendido ao longo da entrevista	01:26:52 "Espero que você tenha gostado do diálogo, sentido respeitado, espero que você trabalhe pelo nosso povo, que amplie a visão 360 graus, você é jovem, tem muito a aprender e acredito que você seja um cara bem-intencionado , não quero acreditar que você seja um estrategista e tenha mentido para nós, não acho que é isso. Eu também sou idealista , entendo que há falhas no sistema e entendo que as falhas são cobradas com vidas. Então maior que nós é a causa, a vida das pessoas , certo? Sem vaidade, sem estrelismo, muito obrigado pela presença."

Quadro 1 – Grade analítica de um episódio do *podcast Mano a Mano*. Autoria nossa.

Ao recorrer às sinalizações apresentadas no Quadro 1, percebemos que diferentes vozes sociais são orquestradas pelas condicionantes do gênero discursivo *podcast de entrevista*⁶. Ao identificar os *horizontes semântico-axiológicos* que cada participante expressa no conjunto do enunciado (FARACO, 2022), percebemos que Fernando Holiday é convidado a assumir diferentes enunciados ideológicos no episódio, falando a partir do lugar do vereador, do lugar de coordenador do MBL e, ao mesmo tempo, do lugar de jovem negro periférico, que passou pelas mesmas dificuldades que Mano Brown.

Quando consideramos as posições semântico-axiológicas de Mano Brown, acompanhamos, desde o início do episódio, seu posicionamento abertamente contrário ao do entrevistado, mas modulado pela abertura para ouvi-lo e buscar pontos de aproximação entre ambos a partir de suas matrizes culturais e raízes biográficas comuns. É, portanto, por meio de identificações com identidades periféricas que entrevistador e entrevistado conseguem estabelecer posições de concordância relativa e negociada, em uma orquestração de horizontes semântico-axiológicos orientada pela vocação *dialogal* do *podcast de entrevista* e pela trajetória de Brown enquanto artista-entrevistador preocupado em *entender* os problemas colocados para as juventudes periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo, buscamos compreender como vozes sociais e posicionamentos semântico-axiológicos são incorporados na tessitura do *podcast Mano a Mano*, produção original Spotify apresentada pelo *rapper* Mano Brown. Nesse percurso, desenvolvemos um ensaio analítico baseado na perspectiva de análise dialógica dos enunciados, conforme

⁶ Procuramos sinalizar as únicas duas falas que Semayat Oliveira possui no episódio, demarcando sua posição pouco contributiva, com o objetivo muito semelhante ao de mapear as contradições e/ou inconsistências de Holiday em seu posicionamento. Ainda que sua posição dentro do programa traga a voz de uma mulher preta, periférica e militante jornalista, sua presença se dá de forma coadjuvante – ao menos, no episódio analisado aqui.

proposta de Bakhtin (2016) e Volóchinov (2017), de modo a compreender os vieses valorativos através dos quais diferentes vozes são integradas ao todo estético da obra.

Considerando os elementos observados no sexto episódio da primeira temporada de *Mano a Mano*, em que Mano Brown entrevista o vereador Fernando Holiday, a materialidade do gênero discursivo que propomos denominar *podcast de entrevistas* representa um importante condicionante das formas pelas quais diferentes vozes sociais são integradas e interagem no programa. Ao lado de aspectos relacionados a essa dimensão genérica – tais como a alternância da palavra entre interlocutores, o tom dialogal e a intercalação pergunta/resposta –, acreditamos serem decisivos, às modalidades de dialogização de posições semântico-axiológicas em *Mano a Mano*, os “rastros” deixados pela forma como Brown tem se posicionado, ao longo de sua carreira, no campo cultural e midiático.

Na tessitura do texto sonoro de *Mano a Mano*, Brown parece materializar uma posição semântico-axiológica baseada na afirmação de sua vinculação com a realidade das periferias brasileiras – muito embora não se possa esquecer que, do ponto de vista da produção do *podcast*, o apresentador aceite aproximar-se de uma empresa de mídia hegemônica. Essa posição parece determinar decisivamente a construção das pautas das entrevistas e a escolha de entrevistados, que compartilham, não obstante sua diversidade de trajetórias e perfis, graus variados de afinidade com as vivências periféricas. Nesse sentido, a voz de Brown representa a principal força-motriz do acionamento de sentidos/valores de raça, classe e território enquanto forças articuladoras das refrações ideológicas do *podcast*.

Ao mesmo tempo, ao encontrar-se e interagir com vozes sociais outras – por vezes, representativas de posições semântico-axiológicas profundamente diferentes de sua própria, como no caso de Fernando Holiday –, a voz de Brown busca percorrer os caminhos de luta partilhados, comungando com o entrevistado olhares erigidos a partir de sua condição enquanto sujeitos negros e periféricos. Assim, no caso do episódio em análise neste artigo, apesar da demarcação constante das divergências ideológicas entre Brown e Holiday, identificações são construídas a partir de um comum instaurado pela experiência do racismo.

Nessa orquestração de horizontes semântico-axiológicos, é decisiva a trajetória de Mano Brown enquanto artista-entrevistador preocupado em ouvir e compreender os problemas colocados para as juventudes periféricas, ao lado da vocação dialogal do gênero discursivo *podcast de entrevistas*. Brown é um contador de histórias, mas, acima de tudo, é um *ouvidor* de histórias periféricas. Assim, além de operar como recurso discursivo por meio do qual os enunciados do *podcast* acessam debates de importância político-social e estabelecem trocas discursivas em relação ao campo político, a dialogização de vozes ligadas a posicionamentos semântico-axiológicos diversos constitui traço estilístico característico de *Mano a Mano*.

Na gênese desse específico arranjo estético de vozes, parece estar a afirmação do pertencimento a uma mesma coletividade, aos moldes do que aponta Kehl (2000, p. 212) sobre o uso da palavra “mano” na canção *Capítulo 4, versículo 3*, dos Racionais MCs. Segundo a autora, essa palavra guarda “uma intenção de igualdade, um sentimento de fratria, um campo de identificações horizontais”. Sob essa perspectiva, *Mano a Mano* coloca-se na esteira do que já se observava no cancionário dos Racionais: “unir e incluir” todos os manos em um discurso compartilhado e coletivizado (OLIVEIRA; SEGRETO; CABRAL, 2013).

Acreditamos que, no caso desse *podcast*, tal proposta estético-política se materialize precisamente na forma como se organizam as vozes que compõem os episódios: em uma utópica fratria de manos e manas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

BROWN, Mano. “É isso mesmo família 🍷 agora algumas hashtags tem um emoji meu exclusivo, vamos começar a usar?[...]”. @manobrown. São Paulo, 30 de mar. 2022.

Disponível em: <https://twitter.com/manobrown/status/1509145941445591047>. Acesso em: 16 jul. 2023.

DÁVILA, Sérgio. Raivosos, racionais, Racionais MC's. **Revista São Paulo**, 17 abr. 1994. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=12396&keyword=Mano%2CBrown&anchor=5643454&origem=busca&originURL=&pd=e045e9cdaf144b596f088a0025c2923b>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

FERNANDO Holiday. In: NEAMP PUC (**Lideranças políticas**). 2022. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/fernando-silva-bispo>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GRECCO, Anderson da Costa e Silva. **Racionais MC's**: música, mídia e crítica social em São Paulo. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC-SP, São Paulo, 2007.

KALILI, Sérgio. Mano Brown é um fenômeno. **Caros Amigos**. Ano I. No 10. São Paulo, Casa Amarela, jan., 1998a. p. 30-34.

_____. Uma conversa com Mano Brown. **Caros Amigos Especial n° 3**: Movimento Hip Hop. São Paulo, Casa Amarela, 1998b. p. 16-19.

KEHL, Maria Rita. A fratria órfã: o esforço civilizatório do rap na periferia de São Paulo. In: **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 209-244.

MACHADO, Leandro. Racionais de butique. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17. set. 2013. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19620&keyword=Mano%2CBrown&anchor=5893731&origem=busca&originURL=&pd=98d568f07f0e55c3fec00b65bc9d8f0c>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Martins Fontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MANO A MANO: Fernando Holiday. Entrevistado: Fernando Holiday. Entrevistador: Mano Brown. São Paulo: **Spotify**, 30 set. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2MdfHSziNAbsdCdj8ZmXVD>. Acesso em: 20 jul. 2023.

OLIVEIRA, Leandro Silva de; SEGRETO, Marcelo; CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. Vozes periféricas: expansão, imersão e diálogo na obra dos Racionais MC's. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 56, p. 101-126, 2013.

PODPAH. Mano Brown – Podpah #351. [São Paulo:] **Podpah**, 2022. 1 vídeo (173 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aahyLNH4PrE>. Acesso em: 20 de ago. 2023.

POLÍCIA prende grupos de rap durante show. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 de nov. de 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/brasil/23.html>. Acesso em: 07 jul. 2023.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOUZA PILEGGI, Jennifer Aline do Lago. Mano Brown: (auto)representações e mediações na construção de uma figura midiática. In: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, João Pessoa, 2022. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2022. p. 1-15.

VIVA, Roda. **Roda Viva – Mano Brown – 2007**. [São Paulo:] Roda Viva (TV Cultura – Fundação Padre Anchieta), 2018. 1 vídeo (84 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xJaCHrMX9ys>. Acesso em: 07 de jul. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 918-942, set./dez.2014.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

LAGO SOUZA, Jennifer Aline do; SCABIN, Nara Lya Cabral. Vozes periféricas em diálogo: política e utopia no podcast Mano a Mano. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 20, pp. 116 a 137, 2023.